

A DIVERSIDADE DE PRÁTICAS DE AGRICULTURA URBANA NA CIDADE DE SÃO PAULO¹

Samuel Gabanyi²

1 - INTRODUÇÃO

O município de São Paulo abriga uma população de aproximadamente 11.66.675 habitantes, em área total de 1.521.110 km² (SEADE, 2014). Uma densidade demográfica altíssima, marcada pela crescente urbanização do território que conta com 12,5 m² de área verde por habitante (OBSERVATÓRIO CIDADÃO NÓSSA SÃO PAULO, 2011), devido à presença de áreas de preservação ambiental na região de Marcilac/Parelheiros e na zona norte. Em bairros como a Mooca e Campo Limpo, esse número chega a menos de 1 m² por habitante^{1,2}.

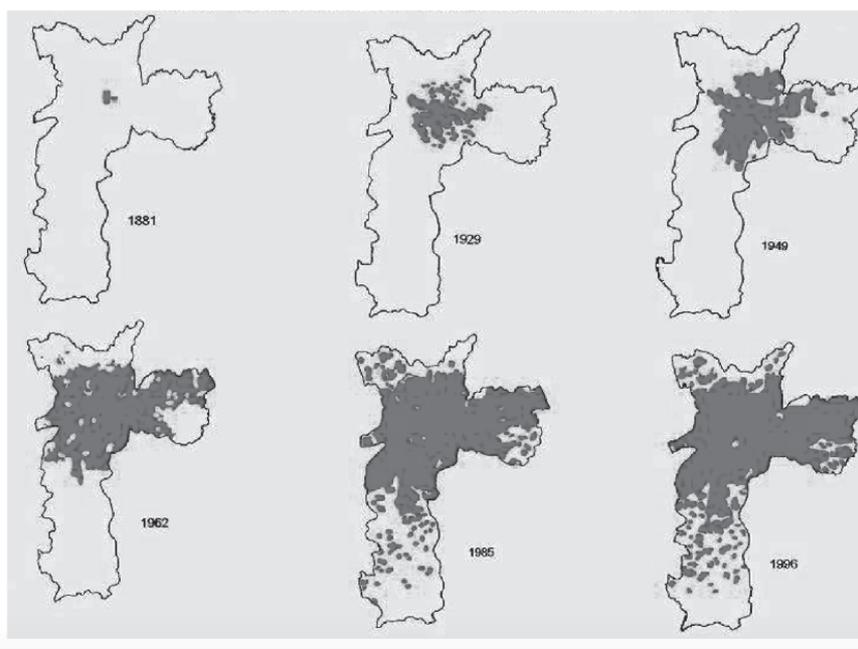


Figura 1 - Expansão da Urbanização, Município de São Paulo.
Fonte: EMPLASA (2014).

Tema pouco conhecido pela população paulistana e em grande parte ignorada pelo poder público, a agricultura urbana não só está presente nas quatro regiões da cidade de São Paulo, como é de vital importância para segurança alimentar, equilíbrio ambiental e geração de emprego e renda.

Esses foram os motivos que levaram o Instituto Vitae Civilis a dirigir uma pesquisa em parceria com o Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria de Agri-

¹Registrado no CCTC, IE-06/2015.

²Administrador Público, Mestre, Vitae Civilis (e-mail: samuel.gabanyi@gmail.com).

cultura e Abastecimento (SAA) e o Instituto de Botânica (IBt) da Secretaria do Meio Ambiente (SMA) para mapear e melhor entender as práticas e experiências de agricultura urbana vigentes em nossa cidade. Este trabalho culminou na publicação “Agricultura em São Paulo: a importância do engajamento popular para transformação social e ambiental” (RAMOS; OLIVEIRA JÚNIOR; GABANYI, 2014).

Este artigo é de fato um resumo, e reflete o trabalho realizado entre o segundo semestre de 2013 e o primeiro de 2014, com o intuito de fazer um diagnóstico e identificar os principais desafios e oportunidades da agricultura urbana e periurbana em São Paulo, onde diversos atores de movimentos sociais, repartições públicas e instituições de ensino e pesquisa (como por exemplo o Instituto Kairós, o IEA e a Campanha pela Vida e Contra os Agrotóxicos, dentre outros) compartilharam seus conhecimentos. A partir dessas conversas, as iniciativas agrícolas, em sua grande maioria, foram visitadas para aprofundar o conhecimento e entrevistar os atores que praticam agricultura nos perímetros da cidade.

2 - AGRICULTURA URBANA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO



Figura 2 - Agricultura Praticada em Baixo de Linhões na Zona Leste, Município de São Paulo.
Fonte: Caio Antunes.

A zona leste de São Paulo apresenta dois modelos bem distintos de agricultura. O primeiro caracteriza-se pela resistência a lógica de urbanização e industrialização da região, mantendo locais para produção de alimentos na região que tem o menor índice de áreas verdes da cidade. A partir de 1922 começaram a chegar os primeiros imigrantes japoneses na região, que tiveram uma forte influência na atividade econômica local com sua produção de frutas e vegetais. A principal cultura era o pêssego, razão da denominação da avenida Jacu-Pêssego. A Colônia de Itaquera, como ficou conhecida essa comunidade agrícola, atingiu seu auge nos anos 1960 com 130 famílias produzindo. Em 2014, são 60 produtores que mantêm a tradição familiar, apesar de alguns terem migrado para produção de flores. A área é limítrofe ao Parque do Carmo até Guaianazes. Sua história está ligada à tradição da Festa das Cerejeiras, que acontece todos os anos no Parque do Carmo.

O segundo modelo caracteriza-se pela ocupação e transformação dos mais distintos espaços, em alguns casos ociosos, como terrenos baldios da comunidade e em terras produtivas. São lotes de terras menores que os habitualmente usados na agricultura e, em alguns casos possuem um cunho mais social destinado a incluir

pessoas de baixa renda. A Associação de Produtores Orgânicos da Zona Leste (APO-ZL) conta atualmente com quase 40 agricultores que produzem em terrenos cedidos em comodato pela ELETROPAULO ou SABESP. Esses terrenos passam então a ter uma nova função social, econômica e ambiental, visto que passa a gerar empregos e renda e resgata a biodiversidade e o verde, a partir do plantio de alimentos. O perfil dos agricultores da APO-ZL varia entre aposentados, trabalhadores vindos de fora de São Paulo que antigamente trabalhavam na roça e viram a oportunidade de recomeçar a trabalhar com agricultura e alguns jovens que estão cada vez mais interessados em fazer da cidade um campo. As hortas então servem como uma ferramenta de inclusão social, geração de renda e garantia da soberania alimentar, visto que as pessoas passam a ter um emprego, se alimentar da produção local e ainda obter renda com a venda do excedente. Além da APO-ZL, existem outras hortas de iniciativa da ONG Cidades Sem Fome³ em escolas, igrejas, terrenos baldios da comunidade e também em linhões cedidos pela ELETROPAULO. Seu fundador, Hans Dieter Temp, gosta de ressaltar que qualquer área ociosa pode ser aproveitada para agricultura urbana e produção de alimentos e que, nas periferias principalmente, há grandes áreas que poderiam ser usadas para beneficiamento dos produtos oriundos das hortas, como geleias e compotas, entre outros, gerando mais renda para população e aumentando a soberania alimentar. Ambos os modelos de agricultura urbana na zona leste se beneficiam da proximidade com o consumidor final e os agricultores têm facilidade em escoar sua produção sem o uso de intermediários, o que aumenta seus ganhos. O grande diferencial entre as práticas é que as hortas da APO-ZL são baseadas na agroecologia e, portanto, não utilizam agrotóxicos. Na Colônia de Itaquera, é mais comum a agricultura convencional.

3 - AGRICULTURA URBANA NA ZONA SUL DE SÃO PAULO



Figura 3 - Sr. Zundi, Agricultor da Zona Sul, Município de São Paulo.
Fonte: Caio Antunes.

A maior área agrícola de nossa cidade, pouco conhecida por grande parte da população, está localizada na zona sul, mais especificamente no subdistrito de Parelheiros. A região, que conta com mais de 400 agricultores, tem um caráter extremamente rural e sua paisagem em nada lembra a urbanizada São Paulo. Suas ruas são de terra e arborizadas. A região tem diversas cachoeiras e muita área verde,

³Cidades Sem Fome (2015).

contando com duas áreas de preservação ambiental (Bororé-Colônia e Capivari-Monos) e cinco Parques Naturais Municipais (Varginha, Bororé, Itaim, Jaceguava e Cratera da Colônia), remanescentes importantes da Mata Atlântica, com grande parte de sua biodiversidade preservada.

A ocupação do território começou nos idos de 1800, com a chegada de famílias alemãs e, por volta de 1950, com a colonização pela comunidade japonesa, a área adquiriu seu caráter agrícola. Atualmente, existem dois grandes focos de produção: o primeiro grupo cultiva plantas ornamentais como Tuias, Buxinho, Moréia, Azaléia, Fênix e Ráfia, e o segundo grupo de agricultores está mais focado na produção de diversos tipos de hortaliças. Vale lembrar que, além destes principais, um pequeno grupo produz mel e frutíferas.

O grande problema da agricultura urbana desta região é que mais de 90% dos agricultores praticam agricultura convencional ou a hidroponia, ou seja, utilizam insumos químicos como fertilizantes e agrotóxicos que penetram no solo e contaminam a água. Considerando o fato de a região produzir 24% da água de São Paulo, nota-se a urgência de se implantar programas focado na conversão dos agricultores em orgânicos. Vale aqui ressaltar o excelente trabalho realizado pela Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo (COOPERAPAS)⁴ na disseminação, articulação política e prática de um modelo mais sustentável de agricultura na região.

4 - AGRICULTURA URBANA NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO



Figura 4 - Criação de Porcos na Zona Norte, Município de São Paulo.
Fonte: Caio Antunes.

Aos pés da Serra da Cantareira, na área de Mata Atlântica, tombada para garantir parte do abastecimento de água de São Paulo, podemos também observar diversas práticas de agricultura urbana. Pouco conhecida e menos difundida que as práticas nas zonas sul e leste, a agricultura na zona norte vem de longa data e, atualmente é marcada pelos imigrantes portugueses e pelos criadores de animais.

Quando chegaram a São Paulo, as famílias portuguesas arrendaram suas fa-

⁴Goes (2015).

zendas da tradicional família Alcântara Machado na zona norte. Três gerações depois eles continuam a arrendar a terra e produzem diversos alimentos, como brócolis, beterraba, alface, gengibre, chuchu, dentre outros. Mais tarde a região contou com a chegada de famílias de origem japonesa, que também passaram a cultivar alimentos.

Porém, o que mais chama a atenção na região é a produção de animais, atividade que ainda não tem amparo legal e cuja regulamentação está sendo discutida com os devidos órgãos governamentais para que nem os agricultores, presentes há décadas na região, e nem o meio ambiente saiam perdendo. Organizados pela Associação dos Pequenos Agricultores Familiares do Jardim Damasceno (APAFA), os produtores, além de cultivar hortaliças e frutíferas, criam galinhas, patos, cabritos, carneiros, gado e principalmente porcos. Os animais são criados de forma extensiva, não ficando presos em maternidades e gaiolas.

O grande drama vivido pelos agricultores da região é a chegada do trecho norte do Rodoanel. Alguns já foram desapropriados e outros ainda serão. Apesar do futuro incerto, eles seguem sua rotina diária, trabalhando a terra e cuidando de seus animais, produzindo alimentos de qualidade à 12 km do centro de São Paulo.

Outro perfil de agricultura presente nesta região da cidade, que conta com uma agricultura mais focada na subsistência, é a praticada pelo Movimento dos Sem Terra (MST) no Assentamento Irmã Alberta, em Perus. A área foi ocupada em 2002, e até hoje não foi regularizada como assentamento de reforma agrária, devido a vários conflitos e interesses divergentes na ocupação da área, que não está livre da especulação imobiliária, resulta da morosidade com a qual o poder público vem tratando esta situação. A realidade é a de um assentamento de fato, pois, desde 2009, aproximadamente 37 famílias fizeram a divisão dos lotes por conta própria, e substituíram as barracas de lona preta por pequenas casas de madeira ou alvenaria, cada um em sua área. Foi acordado entre as famílias que a produção seria feita de forma orgânica. Em cada lote, o que será produzida é livre para escolha do assentado. Atualmente são produzidos verduras, legumes, feijão, milho, mandioca e frutas, em geral.

5 - AGRICULTURA URBANA NA ZONA OESTE DE SÃO PAULO



Figura 5 - Hortelões Urbanos na Zona Oeste, Município de São Paulo.
Fonte: Caio Antunes.

A zona oeste é a menor região de São Paulo com apenas 128 km². Entretanto,

to, é economicamente a mais valorizada da cidade. Com a especulação imobiliária que vem assolando o município nos últimos anos, são poucos os terrenos inutilizados nessa área da cidade. Contudo, engana-se quem pensa que não existe agricultura urbana nessa região da cidade. Além de hortas caseiras, em escolas e até em um *shopping center*⁵, a zona oeste é o berço do movimento dos hortelões urbanos⁶, grupo que vem difundindo e implantando hortas comunitárias em locais públicos, a exemplo da Horta das Corujas⁷, uma das primeiras iniciativas de ocupação de praças e espaços ociosos pelos hortelões, para prática da agricultura urbana. Vale ressaltar que o movimento das hortas comunitárias não se restringe à zona oeste, a exemplo do Hortão da Casa Verde, localizado na zona norte e diversas outras⁸ que vêm se espalhando pela cidade.

6 - CONCLUSÃO

A agricultura urbana na cidade de São Paulo, como visto, é expressa por múltiplas escalas de ação, tipos de sistemas de cultivos, agentes sociais envolvidos e objetivos da produção. A multiplicidade também está presente na realização da prática feita tanto por homens como mulheres de diversas faixas etárias.

A agricultura urbana e periurbana (AUP) de São Paulo abrange a criação de pequenos animais, produção de hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, de sementes e mudas. A finalidade da produção acompanha o perfil de quem produz: geração de renda, segurança alimentar, fins terapêuticos, educação ambiental, mobilização política e lazer.

A maioria dos agricultores ainda produz no sistema convencional, em grande parte devido à falta de apoio técnico e do poder público. Porém, um número crescente de agricultores vem adotando o sistema de cultivo orgânico que, somando-se os impactos sociais e ambientais, é muito mais benéfico para sociedade.

A agricultura urbana orgânica favorece, entre outros aspectos, a diminuição na emissão de poluentes no ar e proteção aos recursos hídricos, a maior absorção de água pelo solo, a preservação de nascentes, a manutenção da diversidade da flora e fauna, promove a segurança alimentar, aumenta a resiliência, além de proporcionar maior beleza cênica.

Em suma, a agricultura urbana, preferencialmente orgânica, é de extrema importância e deve ser cada vez mais incentivada e valorizada se quisermos uma cidade mais sustentável. Este panorama aponta para a importância de estruturação de políticas públicas bastante articuladas, que considerem a diversidade da agricultura urbana construída no município.

LITERATURA CITADA

CIDADES SEM FOME. **Banco de dados**. São Paulo: Cidades sem fome. Disponível em: <<http://>>

⁵Disponível em: <<http://www.shoppingeldorado.com.br/card/telhado-verde>>. Acesso em: jan. 2015.

⁶Disponível em: <<http://www.lugarzinho.com/horteloes-urbanos/>>. Acesso em: jan. 2015.

⁷Disponível em: <<https://hortadascorujas.wordpress.com>>. Acesso em: jan. 2015.

⁸A localização das hortas está disponível em: <<http://www.muda.org.br>>. Acesso em: jan. 2015.

ciudadessemfome.org>. Acesso em: jan. 2015.

EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO - EEMPLASA. **Banco de dados**. São Paulo: EEMPLASA, 2011. Disponível em: <<http://www.emplasa.sp.gov.br/portal-emplasa/index.asp>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS - SEADE. **Informações dos Municípios Paulista (IMP)**. SÃO PAULO: SEADE, 2014. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=consulta&action=new>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

GOES, L. Cooperapas. São Paulo. Disponível em: <<http://cooperapas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jan. 2015.

OBSERVATÓRIO CIDADÃO NOSSA SÃO PAULO. **Banco de dados**. São Paulo: Nossa São Paulo. Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/analises.php?tema=8&indicador=56&ano=2011#info>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

RAMOS, S. F, OLIVEIRA JÚNIOR, C. J. F, GABANYI, S. 2014. Agricultura em São Paulo: a importância do engajamento popular para transformação social e ambiental.

A DIVERSIDADE DE PRÁTICAS DE AGRICULTURA URBANA NA CIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO: *Tema pouco conhecido da população paulistana, a agricultura urbana está presente em todas as regiões da cidade. Este trabalho visa entender e relatar peculiaridades, desafios e oportunidades de cada modelo agrícola praticado em São Paulo.*

Palavras-chave: *agricultura urbana e periurbana em São Paulo, sustentabilidade, segurança alimentar.*

THE DIVERSITY OF URBAN FARMING PRACTICES IN THE CITY OF SAO PAULO

ABSTRACT: *An unfamiliar subject amongst Sao Paulo citizens, urban agriculture can be found in all regions of the city. This work aims to understand and report on the peculiarities, opportunities and challenges of each model of urban agriculture developed in Sao Paulo.*

Key-words: *urban and peri-urban agriculture, Sao Paulo, sustainability, food security.*

Recebido em 03/02/2015. Liberado para publicação em 08/04/2016.